

O BRASIL NÃO É MAIS O VILÃO

As florestas e os animais estão mais protegidos, as cidades, mais limpas e as empresas aprendem a tirar proveito dos recursos naturais sem devastar a natureza

Nos anos 80 a preocupação com o meio ambiente já estava sendo traduzida em ações preservacionistas nos países ricos. No Brasil, o ritmo das agressões chegava ao auge. Esse descompasso atraiu a atenção do mundo para os desastres que se produziam tanto na Floresta Amazônica, por meio das queimadas e da derrubada ilegal de madeira, quanto nos grandes centros, por causa da poluição. Os casos de anencefalia em Cubatão entravam na lista das grandes tragédias ambientais da década, ao lado do derramamento de óleo no Alasca pelo

petroleiro *Exxon Valdez*, da explosão do reator nuclear de Chernobyl e do vazamento de gás que matou 7 000 pessoas em Bhopal, na Índia. Encerramos aquela década no banco dos réus. Burocratas de Washington chegaram a condicionar a renegociação da dívida externa brasileira à preservação da Floresta Amazônica. O Brasil assustava o mundo. Em 1988, em um recorde histórico, sumiram 3 milhões de hectares de floresta na Amazônia — uma mancha do tamanho do Estado de Alagoas. No Pantanal, 1 milhão de jacarés foram caçados em um só ano. Levantamentos revelaram centenas de

espécies ameaçadas de extinção: tartarugas, micos e araras estavam desaparecendo. Em São Paulo, a qualidade do ar era considerada insatisfatória duas vezes por semana e os hospitais da cidade registravam índices alarmantes de doenças respiratórias. Todo o esgoto produzido na capital era despejado sem tratamento nos rios Tietê e Pinheiros, as maiores fossas a céu aberto do mundo. As indústrias colocavam sob risco regiões inteiras. Cubatão, no litoral de São Paulo, foi batizada de “vale da morte”. A cidade vivia dentro de uma bolha de poluentes produzidos pelas petroquímicas e

um número absurdo de crianças, vítimas de substâncias tóxicas, nascia sem cérebro. No passado, aceitava-se com tranquilidade que o desenvolvimento econômico cobrava um preço do meio ambiente. Os países enriqueceram, desenvolveram-se, e seus cidadãos começaram a exigir um ambiente mais limpo. Hoje os londrinos respiram ar puro e podem até pescar no Tâmsa. Americanos e canadenses já gastaram 25 bilhões de reais em obras de limpeza na região dos Grandes Lagos. Países em desenvolvimento, como Polônia, Índia, China e Brasil, foram colocados diante do

enorme desafio de enriquecer sob as ameaças de ONGs e reprimendas de nações ricas. O que parecia impossível aconteceu. Embora desde o fim da década de 80 até hoje a economia tenha dobrado de tamanho e a população crescido 20%, a Baía de Guanabara e o Rio Tietê estão mais limpos. Os raros guarás-vermelhos que haviam sido expulsos pela poluição estão de volta a Cubatão, a população de tartarugas, micos e peixes-bois voltou a aumentar e o ar das capitais está mais puro, apesar de o número de veículos em circulação ter dobrado. Há esperança quando se faz a coisa certa.

PAUSA PARA RESPIRAR

Nos anos 80 foram registrados os níveis mais elevados de degradação ambiental no Brasil. A descoberta de tecnologias antipoluentes e a adoção de leis mais rígidas contra os agressores estão equilibrando o jogo em favor da natureza. O quadro mostra os principais avanços

EM RELAÇÃO A 1980

A poluição do ar nas grandes cidades caiu à metade

As reservas florestais cresceram **50%**

O tratamento de esgoto aumentou **30%**

Fonte: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

Os guarás-vermelhos, de volta à ex-imunda Cubatão: vitória depois que as indústrias passaram a instalar filtros



QUANTO CUSTA A VIDA

Os ambientalistas brasileiros já conseguiram livrar da ameaça de extinção diversas espécies de animais. O quadro mostra uma lista de bichos nos principais programas de proteção e quanto custa salvar cada um. Os gastos se referem aos cuidados dispensados entre o momento em que o animal nasce e o ponto em que atinge a fase adulta e pode viver livre na natureza (os valores estão expressos em reais)

Arara-azul	3 600
Tartaruga marinha	4 000
Baleia jubarte	5 500
Peixe-boi	24 000
Mico-leão	50 000

Fontes: Ministério do Meio Ambiente e programas de preservação das espécies

O peixe-boi marinho num tanque no litoral de Pernambuco: animal ameaçado de extinção ganha uma segunda chance

■ ANIMAIS

FLAGRANTE VIA SATÉLITE

No passado, os pesquisadores gastavam um ano para montar um mapa completo do território brasileiro usando imagens de satélites. O máximo que eles podiam fazer era registrar os danos praticados contra a natureza. Agir preventivamente era quase impossível. As novas tecnologias permitem produzir um retrato completo do território nacional a cada seis horas. O governo de Mato Grosso foi o primeiro a tirar vantagem desse sistema. Os fiscais

ficam de guarda em uma base na capital, em Cuiabá. Quando as imagens que recebem indicam que houve derrubada de mata, uma equipe segue de helicóptero para verificar o local. Dezenas de desmatadores foram presos em flagrante nessas operações. A destruição da floresta foi reduzida em 36%. “O avanço da tecnologia tornou viável proteger os recursos naturais em um país do tamanho do Brasil”, diz o presidente do Instituto Worldwatch, Christopher Flavin. Com a ajuda dos satélites, os pesquisadores brasileiros vigiam mais de 300 espécies, muitas ameaçadas de extinção. É a única forma possível de estudar e proteger bichos que se movem por áreas de milhares de quilômetros quadrados.

■ A M A Z Ô N I A

LUCROS NO PARAÍSO

Uma decisão do governo brasileiro sobre a Amazônia está sendo muito debatida pelos ambientalistas. Coisa rara, o país é apontado como exemplo a ser seguido. Trata-se da operação de Urucu, tocada pela Petrobras. A planta petrolífera de 157 000 metros quadrados localiza-se no coração da selva, a 650 quilômetros de Manaus. Só se chega até lá de barco ou avião. Por seus dutos são extraídos 450 milhões de dólares por ano em combustíveis. Segundo ecologistas, o impacto da usina no meio ambiente é desprezível. A emissão de poluentes é mínima, e parte da área de mata derrubada foi reflorestada. No passado, a exploração de recursos naturais não parecia viável sem grandes danos à natureza. Agora, caso não ocorram acidentes, pode-se começar a ver a Amazônia como uma importante fonte de recursos.

Já foram feitas várias tentativas de explorar as riquezas da região. Primeiro foi a extração de borracha, depois vieram os projetos de colonização agrícola e a grande fábrica de celulose do Projeto Jari. Todos fracassaram. Hoje se tem uma noção mais precisa do tamanho das riquezas da Amazônia e onde elas estão guardadas. Sabe-se também que a melhor forma de proteger a floresta é por meio da exploração sustentada, ou seja, sem agressões ao meio ambiente. Calcula-se que só de petróleo existam 160 bilhões de barris em reservas na Amazônia, seis vezes a produção anual do mundo. Com base nesses novos conhecimentos, catorze grandes empresas brasileiras estão desenvolvendo projetos na região.

Embora sejam muitos os avanços ecologicamente corretos na exploração comercial da floresta, é na Amazônia que o Brasil tem sofrido as maiores derrotas na campanha pela preservação ambiental. O ritmo de destruição da selva esteve praticamente inalterado nos últimos 25 anos. Ou seja, não se reduziu de forma alguma. Uma área de 17 000 quilômetros qua-

drados em média desaparece a cada ano. O país é o segundo mais desmatado do mundo. Perde só para a China continental, onde há apenas 25% de cobertura de floresta original. Segundo especialistas, se nada for feito, restam apenas cinquenta anos de vida para a Amazônia. Curiosamente,

as grandes madeireiras e mineradoras estão sendo contidas na região. Um estudo do governo revelou que a presença de colonos e pequenos agricultores e a extração ilegal de minérios são os novos perigos para a floresta. Pequenos produtores rurais e garimpeiros foram responsáveis por metade

das árvores derrubadas na última década. A população que vive no meio da selva cresce muito mais rapidamente que a média da população brasileira. Já existem 5 milhões de moradores no coração da Floresta Amazônica, cinco vezes mais do que havia quinze anos atrás.

Planta petrolífera de Urucu: investimentos de 18 bilhões de reais para tirar petróleo da Amazônia



Distância percorrida pelo combustível até Manaus, no Amazonas: 800 quilômetros

O combustível é extraído de jazidas localizadas a 2 500 metros de profundidade e segue por 300 quilômetros de dutos até a cidade de Coari (AM). De lá é embarcado em navios petroleiros, que percorrem 500 quilômetros pelo Rio Solimões até a refinaria de Manaus

Distância de Boa Vista, em Roraima: 1 000 quilômetros

Distância da fronteira com a Colômbia: 500 quilômetros

Distância de Porto Velho, em Rondônia: 450 quilômetros

Distância de Rio Branco, no Acre: 1 100 quilômetros

NO CORAÇÃO DA SELVA

A localização de Urucu está assinalada com um X. Lá só se chega de barco ou avião



RESERVAS

QUANTO MENOS MEXER, MELHOR

Quando o Arquipélago de Abrolhos, localizado na costa baiana, e o Atol das Rocas, que fica no litoral do Rio Grande do Norte, foram transformados em reservas nacionais, no começo dos anos 80, o governo foi acusado de ameaçar o sustento dos pescadores. Apelava-se para um argumento que parecia razoável: qual o sentido de preservar os animais e deixar o homem passando fome? Pelo menos do ponto de vista econômico, essa discussão faz pouco sentido atualmente. Cada hectare de natureza preservada gera até dez vezes

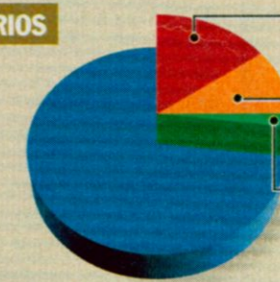
Atol das Rocas: só cientistas têm trânsito livre

mais receita por meio do turismo e dos recursos biológicos do que seria possível obter com atividades tradicionais —

como pecuária e agricultura. Estudos mostram que a indústria farmacêutica deve patentear mais de 20 000 substâncias encontradas na Amazônia nas próximas décadas. Segundo cálculos de cientistas brasileiros, o licenciamento de apenas 1% desses produtos pode render mais de 2 bilhões de reais por ano ao país. É um valor impressionante, que corresponde a toda a riqueza obtida com a extração de ouro em Serra Pelada. As pessoas estão acostumadas a ver a riqueza surgir a partir de grandes transformações. Nesse caso, vale o inverso. Quanto menos se mexe com a natureza, melhor.

NOVOS PROPRIETÁRIOS

O quadro mostra que percentual do território brasileiro está destinado a comunidades indígenas, projetos sociais e reservas ambientais



15% são reservas ambientais

10% são destinados a reservas indígenas

2% são ocupados por assentamentos da reforma agrária

Fontes: Incra, Ibama e Funai

LUCIANO CANDRISANI

ÍNDIOS

A POPULAÇÃO VOLTOU A CRESCER

Estima-se que o Brasil tinha 5 milhões de índios quando chegaram os portugueses. O declínio se manteve constante até o começo da década de 80, quando foram contados 100 000 índios. A partir de então a população voltou a crescer em taxa acelerada. Hoje já se registram cerca de 350 000 índios vivendo em parques e reservas. Segundo os estudiosos, a principal explicação é a regularização das terras indígenas. No início da década de 90, apenas um terço do território indígena estava regulamentado. Atualmente, metade de seu território está regular. As tribos ocupam uma área equivalente a um terço da Argentina. "A sobrevivência de nossa cultura está ligada à terra", diz o cacique Marcos Terena, que trabalha na Fundação Nacional do Índio (Funai).

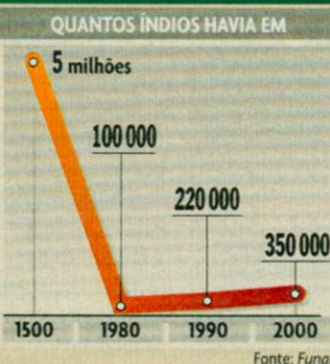
A diversidade das culturas indígenas brasileiras atrai estudiosos de todo o mundo. A quantidade de dialetos falados nas tribos faz do Brasil um dos países com o maior número de línguas dentro de suas fronteiras. Outro detalhe que chama a atenção é que o país abriga alguns dos poucos grupos indígenas que ainda não fizeram contato sistemático com o homem branco. Na Amazônia, os antropólogos já identificaram 1 000 índios nessas condições.

Um levantamento do governo mapeou 45 tribos vivendo isoladas. Conforme os antropólogos, o número total de índios selvagens pode chegar a 3 000. A maioria dos povos já recebeu forte influência da cultura ocidental. Calcula-se que metade saiba comunicar-se em português e 100 000 estejam matriculados na escola. De acordo com um estudo produzido pela Funai, algo em torno de 25% dos índios vive da venda de mercadorias manufaturadas ou mesmo industrializadas em pequenas oficinas nas aldeias.



SINAL DE RECUPERAÇÃO

A população indígena diminuiu constantemente entre 1500 e 1980. Desde então, com a demarcação de seus territórios, as tribos começaram a crescer rapidamente. Nos últimos vinte anos a população indígena aumentou a uma taxa três vezes maior que a do resto dos brasileiros



Índios no Parque do Xingu: cultura preservada



São Paulo no dia seguinte às enchentes: até 250 quilômetros de congestionamento

MONICA ZARATTIN/IAE
MARCIO ANKOSOU/FOLHA IMAGEM



■ METRÓPOLES

CAOS NAS CIDADES GIGANTES

Londres e Nova York foram as primeiras cidades do mundo que alcançaram a marca de 1 milhão de moradores no século XIX. As duas organizaram festejos para comemorar o fato. Atualmente as megacidades são fenômenos típicos dos países pobres. Das dez maiores do mundo, sete estão em nações subdesenvolvidas ou em desenvolvimento. A região metropolitana de São Paulo ingressou no novo século com a população de 18 milhões de pessoas, distribuídas por uma área de apenas 8 000 quilômetros quadrados. É a maior concentração demográfica em território nacional. O fenômeno das

metrópoles é alarmante no Brasil. Até o começo dos anos 70, o país só tinha cinco cidades com mais de 1 milhão de habitantes. Na virada para o ano 2000 eram quinze. O que ocorre em São Paulo deve servir de alerta ao restante do Brasil. A cidade chega a ter 250 quilômetros de engarrafamento nos horários de pico. Para evitar o pior, foi criado um sistema de rodízio em que os carros são obrigados a ficar na garagem um dia por semana. Estudos indicam que 40% da área de São Paulo está ocupada por ruas, avenidas e garagens. Na periferia, onde a população cresce de forma descontrolada, já há 8 milhões de pessoas, quase a soma dos habitantes de Londres e Paris. Existem bairros inteiros sem escola nem policiamento. Alguns indicadores sociais da cidade são piores que os do interior do Nordeste. Reverter esse quadro é o maior desafio do século.

Invasão das margens de uma represa em São Paulo: a periferia cresce de forma descontrolada

URBANISMO

AS CAPITAIS ESTÃO DOENTES

Nos países desenvolvidos, as grandes cidades perderam indústrias e, com elas, muitos moradores foram embora. Em compensação, ganharam parques, mais áreas verdes e se tornaram lugares agradáveis para os habitantes que ficaram e cartões de visita para quem está de fora. Paris, Berlim, Londres e Nova York já foram semelhantes às cidades brasileiras: superlotadas, sujas e ruins para viver. A diferença é que seus governantes acordaram e colocaram ordem na casa. Quase todas as capitais brasileiras estão na contramão. Na última década, São Paulo perdeu indústrias e, pela primeira vez na história, começou a se esvaziar. Infelizmente a cidade também perdeu um terço da área verde, e muitos parques e praças deram lugar a terminais de ônibus e outros equipamentos públicos.

Condomínio em Florianópolis: a cidade é uma das mais disputadas do Brasil

Segundo os urbanistas, as capitais brasileiras estão entre as mais caóticas do mundo. "São mares de casas", costuma dizer o arquiteto Jorge Wilhelm, secretário de Planejamento de São Paulo. O trânsito não anda, as paredes e os monumentos públicos são empurrados por pichações, faltam áreas públicas de lazer e as pessoas vivem amontoadas. É um desafio que parece grande demais para qualquer administrador. Entretanto, os especialistas apontam algumas saídas. Segundo eles, é necessário atacar em duas frentes. Primeiro, os prefeitos precisam encarar a administração com rigor científico. Nas capitais de países ricos, cada nova linha de ônibus é detalhadamente examinada. Sabe-se que a instalação de um terminal de transporte num bairro afastado pode atrair moradores rapidamente para regiões que não estão preparadas para recebê-los.

O segundo aspecto, na opinião dos especialistas, é que é indispensável atacar problemas que parecem menores. No Brasil, a maioria dos prefeitos e das

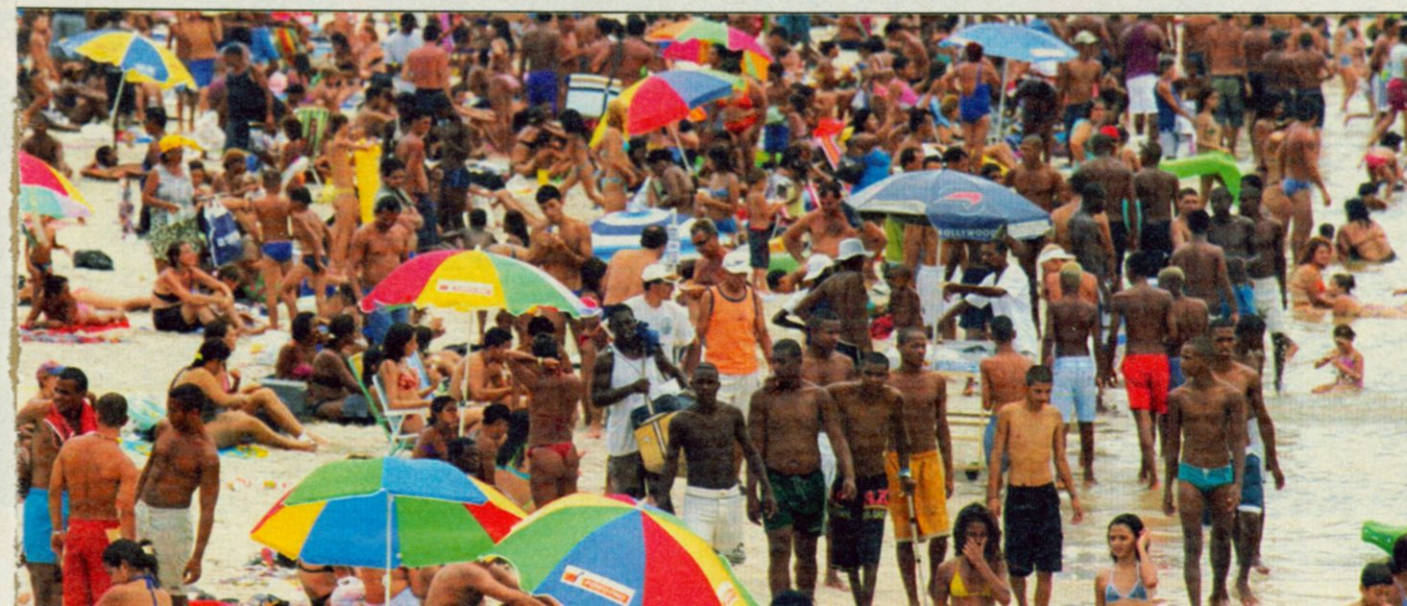
Câmaras Municipais ignora ou aparentemente não se importa com uma de suas principais atribuições, que é dedicar-se a regular a ocupação do espaço urbano e cuidar das cidades. Aqui, os administradores preferem abordar grandes temas, como saúde, emprego, criminalidade e educação. Contudo, não percebem a importância de atuar em outras frentes, mais simples. Boa parte do programa bem-sucedido de combate à criminalidade em Nova York estava baseada na construção de quadras de esportes para ocupar os jovens e na limpeza e iluminação de becos, a fim de criar um ambiente menos favorável para os marginais.

Por outro lado, as favelas e a periferia de São Paulo, Recife, Vitória e Rio de Janeiro se parecem com trincheiras. Em muitas é difícil até caminhar. A recuperação paisagística de Barcelona colocou a cidade na rota internacional do turismo e gerou milhões de empregos. Os administradores brasileiros estão tentando algumas soluções. Um parece exótico. O Rio de Janeiro construiu uma gigantesca piscina artificial ao lado do mar, que está poluído.

Piscinão de Ramos, no Rio de Janeiro: praia artificial ao lado da natural, que foi interdita por causa da poluição



RICARDO MALTA



GUSTAVO AZEVEDO/AG. O GLOBO

**Bombeiros removem
peixes mortos da
Lagoa Rodrigo de
Freitas: 500 000 litros
de esgotos diariamente**



PAULO ALVADRA/AG. O DIA



■ LIXO O ESPAÇO ESTÁ ACABANDO

Nova York, Toronto, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Salvador vivem a mesma situação: praticamente não têm mais onde depositar o lixo que seus cidadãos produzem. O aumento de renda ocasionado pelo Plano Real criou um efeito direto na quantidade de detritos acumulada pelos brasileiros. As pessoas compraram mais e substituíram artigos a granel por itens embalados: cresceu 25% a produção de lixo per capita. O problema é que os paulistas geram quase tan-

to lixo quanto os nova-iorquinos, porém os gastos públicos aqui são muito menores. Para armazenar sua lixarada, Nova York fechou um contrato com algumas cidades vizinhas. Paga 15 bilhões de reais por ano para que outros municípios a ajudem a se livrar do problema. No Brasil, não é exagero dizer que as pessoas estão patinando em lixo. Quase 30% dos detritos produzidos nas residências não são coletados — parte se acumula nas ruas e em terrenos vazios; outra parte é levada pelas águas e acaba em rios e represas. O quadro ao lado mostra o tamanho da pilha que poderia ser formada com esses resíduos. A Europa enfrentou o problema há alguns anos. Os cidadãos foram chamados a produzir menos sujeira e tiveram de pagar mais impostos para que ela fosse recolhida. Por aqui ainda se empurra o lixo com a barriga.

Garis fazem limpeza de rua em São Paulo: cada morador da capital produz 250 quilos de detritos por ano

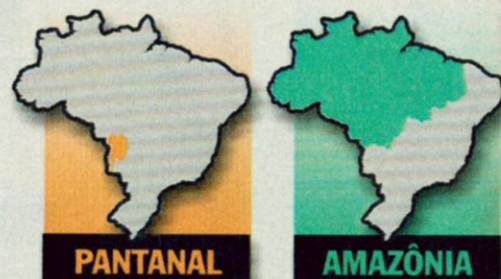
A MONTANHA DE LIXO

No Brasil, 30% do lixo dos domicílios não é recolhido pela prefeitura e permanece jogado na rua. A quantidade não coletada em um ano seria suficiente para fazer uma pilha com a dimensão aproximada da do Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro



OS DOIS PARAÍÇOS DO BRASIL

Dois dos ecossistemas mais fascinantes da Terra estão no Brasil: a Floresta Amazônica, que atrai os cientistas, e o Pantanal, que encanta milhões de turistas. Eles possuem características absolutamente distintas, a saber:



PANTANAL

AMAZÔNIA

ASPECTOS GEOGRÁFICOS

• Área (em quilômetros quadrados)	138 183	5 032 925
• Altitude máxima (em metros)	97	1 200
• Temperatura média	25°C	26°C
• Maior rio	Paraguai	Amazonas
- Extensão (em quilômetros)	1 400	6 300
- Profundidade máxima (em metros)	20	100
- Afluentes	175	1 100

MUNDO ANIMAL

Quantidade de espécies

• Anfíbios	40	211
• Aves	665	1 100
• Insetos	6 000	33 000
• Mamíferos	95	324
• Peixes	263	3 000
• Répteis	162	284
• Espécies em extinção	20	50

POPULAÇÃO E ECONOMIA

• Habitantes	200 000	5 milhões
• População indígena	14 000	200 000
• Cabeças de gado	37 milhões	30 milhões

FLORA

• Quantidade de espécies	1 800	30 000
• Altura máxima (em metros)	20	40

Espécies-símbolo do Pantanal

Aves

EMA
É a maior ave do Brasil e sua população chega a 1 milhão

Mamíferos

ANTA
É o maior mamífero terrestre brasileiro, adaptou-se bem ao ambiente úmido e às pastagens do Pantanal. Há mais de 500 000

Répteis

JACARÉ
O Pantanal tem a maior população do mundo, cerca de 35 milhões. Em alguns lugares a caça é permitida

Peixes

JAÚ
Há mais de 700 000 nos rios do Pantanal. Cada um pode pesar até 110 quilos

Espécies-símbolo da Amazônia

TOPETINHO-DE-LEQUE-CANELA
É a terceira menor ave do mundo. Pesa apenas 2,25 gramas. Há somente 9 000 em toda a floresta

UACARI-BRANCO
Macaco de pêlos brancos e cara vermelha. É o único que consegue sobreviver sobre a floresta alagada. Foi salvo da extinção em uma reserva

SUCURI
É a maior serpente do Brasil, podendo alcançar até 9 metros de comprimento. É uma das espécies mais comuns da Amazônia

PIRARUCU
É o maior peixe de água doce do mundo. Pode atingir 180 quilos. Há mais de 500 000 nos rios amazônicos

CONHEÇA MAIS SOBRE O BRASIL NA INTERNET

VEJA preparou uma lista de sites úteis para conhecer mais sobre o Brasil. Acesse a relação completa pelo endereço www.veja.com.br. Abaixo, uma seleção do que você vai encontrar:

■ Quantos são os brasileiros agora?

O ritmo de crescimento da população brasileira é de 1,7% ao ano. No site do IBGE há um relógio populacional que informa quantos habitantes há no Brasil e no mundo na hora em que a página está sendo acessada. Confira em: www.ibge.net/ibge/disseminacao/online/popclock/popclock.php.

■ Dinheiro na praça

Segundo o Banco Central, existem mais de 32 bilhões de reais em cédulas e moedas circulando. Na página da instituição (www.bcb.gov.br/mpag.asp?perfil=4&cod=168&codp=768), é possível conferir quanto dinheiro há na praça. A página www.uol.com.br/economia apresenta um pequeno histórico dos planos econômicos e permite calcular a inflação do país nas últimas décadas e o endereço www.un.org/depts/unsd/social/ compara o nível de desenvolvimento econômico do Brasil com o de outros países.

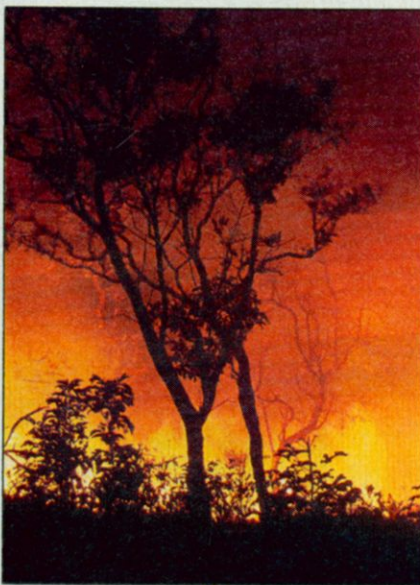
■ Imagens do Brasil

Existem muitos sites com imagens do Brasil. Alguns dos melhores são mantidos por fotógrafos. A home page do fotógrafo **Pedro Martinelli** (www.pedromartinelli.com.br/livro/fotos_livro.htm) tem um belo acervo de fotos dos povos da Floresta Amazônica. O fotógrafo



■ Fotos de satélites

Visão de satélite, feita pela Nasa. Veja o planeta Terra à noite, com pontos de luz, em www.webace.com.au/~wsh/liteglob.gif. Para conferir fotos espaciais feitas pela Nasa dos rios Negro e Solimões, no Estado do Amazonas, acesse www.jpl.nasa.gov/radar/sircxsar/manuel.html.



Araquém Alcântara é especializado em retratos do meio ambiente. Confira em (www.kodak.com.br/BR/pt/fotografia/galeriaFotos/tealcantara.shtml). Já **Cristiano Mascaro** é especializado em retratos da cidade de São Paulo (www.foto.art.br/info/sampa/mascaro/cristiano_mascaro.htm). É possível ver mais imagens do Brasil no site da Embratur (www.embratur.gov.br/destinos/default.asp). Além de fotografias, oferece informações turísticas. No site da Nasa, a agência espacial americana, podem ser vistas fotos do Brasil feitas por satélites.

■ Mapas

O *National Geographic* permite visualizar o Brasil e o resto do mundo em diferentes contextos. No link, é possível ter acesso a vários tipos de mapa: político, social, divisão por densidade populacional, transporte, fuso horário, recursos naturais, pontos de abalos sísmicos, vegetação, florestas originais remanescentes, entre outros. Acesse plasma.nationalgeographic.com/mapmachine/.

■ Plante uma árvore

Cada vez que você acessa o site www.vivernatural.com.br/arvore/index2.htm, os organizadores se comprometem a plantar uma árvore. Para saber mais sobre o meio ambiente no Brasil, confira www.sosmatatlantica.org.br/atlas2001/index.asp, que apresenta informações sobre a Mata Atlântica, e www.amazonia.org.br/media/, que tem um banco de imagens, mapas, vídeos e áudios da Amazônia.

PROTETORES DE TELA E VÍDEOS

No site www.megavision.com.br/port/screensaversbr/ há imagens de aves, borboletas, flores e florestas do Brasil.

■ Vídeos

Para ver vídeos sobre a Floresta Amazônica, acesse o site do Greenpeace (www.greenpeace.org.br/videos/home.asp).

■ Câmaras ao vivo

Veja imagens ao vivo de várias cidades brasileiras em www.uol.com.br/aliwebcam/cameras/brasilcidades.htm.